

**Os Primeiros Cinquenta Anos
do Museu-Biblioteca Condes de
Castro Guimarães – Cascais:**

Pioneirismo Mediado pela Ação Cultural e Educativa

Ficha Técnica

© Nota de Rodapé Edições (2016)

TÍTULO Os Primeiros Cinquenta Anos do Museu-Biblioteca
Condes de Castro Guimarães – Cascais:
Pioneirismo Mediado pela Ação Cultural e Educativa

AUTOR Maria Mota Almeida

CAPA Joana Almeida

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS/REPRODUÇÕES FOTOGRÁFICAS Pedro de Aboim Borges

PAGINAÇÃO Joana Almeida

REVISÃO Rita Gomes

IMPRESSÃO Artipol, Artes Tipográficas Lda
www.artipol.net

ISBN 978-989-20-6696-7

DEPÓSITO LEGAL 409841/16

Apoio financeiro da ESHTE.

Todos os direitos para a publicação em língua portuguesa reservados por:

© Nota de Rodapé Edições
52 Boulevard du Montparnasse
75015 PARIS (FRANCE)

<http://notaderodapeedicoe.wix.com/notaderodape>

MARIA MOTA ALMEIDA

**Os Primeiros Cinquenta Anos
do Museu-Biblioteca Condes de
Castro Guimarães – Cascais:
Pioneirismo Mediado pela Ação Cultural e Educativa**

As viagens

Antes seja afastado do que já alcancei que o
seja daquilo para que vou. A posse é um
declínio.

Antes um pássaro a voar que dois na mão.

Dois pássaros na mão são o que já não falta.

Um pássaro a voar: é ir com os olhos a voar
com ele; ir sobre os montes, sobre os rios,
sobre os mares; dar a volta ao mundo e
continuar;

é ter um motivo de viver – é não ter chegado
ainda!

António Madeira, pseudónimo de Branquinho da Fonseca
(1928) (*Presença*, nº 14-15, p. 10)

Ao Pedro, Mariana e Margarida pelo acompanhamento solidário num percurso que, sem a sua presença, teria sido muito solitário...

A todos os que, mediante o seu altruísmo, generosidade e exigência, contribuem para a disseminação do conhecimento...

Índice

Índice de Ilustrações.....	13
1. Quadros.....	13
2. Gráficos.....	13
3. Figuras.....	14
4. Tabelas.....	14
Abreviaturas Utilizadas.....	15
Agradecimentos.....	17
Prefácio.....	19
Introdução.....	21
1. A escolha do objecto de estudo.....	21
2. Metodologia de investigação.....	26
3. Inserção da investigação no contexto da produção científica	30
Capítulo I – OLHARES MÚLTIPLOS: ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	33
1. Um olhar retrospectivo: a função dos museus, da educação e das bibliotecas na República e no Estado Novo.....	33
1.1. A função dos museus.....	33
1.1.1. Na Primeira República: a par das escolas, um meio de instrução do povo.....	33
1.1.2. A função dos museus no Estado Novo instrumentos de propaganda e ‘operosos centros de cultura’.....	35
1.2. A função da educação:.....	40
1.2.1. Na Primeira República ‘O homem vale, sobretudo, pela educação que possui’.....	40
1.2.2. A função da educação no Estado Novo: a escola como ‘sagrada oficina das almas’.....	46
1.3. A função das Bibliotecas na Primeira República e no Estado Novo: da ‘oficina sempre aberta’, à censura moralizadora... ..	49
2. A revolução do olhar: o pensamento museológico contemporâneo.....	53
2.1. A função dos museus na perspetiva da Sociomuseologia	53
2.1.1. A renovação do pensamento museológico: a responsabilidade social e o comprometimento com a comunidade.....	55
2.1.2. A função e os desafios dos museus locais numa sociedade em permanente mudança.....	69

3. Um olhar articulado: museus e educação.....	75
3.1. Até à Segunda Guerra: museus encaminham-se para a educação.....	76
3.2. Pós 2ª Guerra: dos museus como extensão da escola, à autonomia	79
3.3. A partir dos nos 70: museus autonomizam-se da escola.....	88
Capítulo II – A ‘ORIENTAÇÃO DO OLHAR’ –	
MUSEU-BIBLIOTECA CONDES DE CASTRO GUIMARÃES	91
1. O museu – biblioteca através dos discursos de João Couto e Branquinho da Fonseca.....	92
1.1. Percursos biográficos	93
1.1.1. João Rodrigues da Silva Couto	93
1.1.2. António José Madeira Branquinho da Fonseca	98
1.2. Os discursos dos dois Conservadores	100
1.2.1. Discursos de João Couto.....	107
1.2.2. Discursos de Branquinho da Fonseca.....	123
2. O museu – biblioteca através de diferentes ‘olhares’	132
2.1. “João Couto, verdadeiramente inimigo das obras de fachada”	132
2.2. “Branquinho da Fonseca – um escritor que não é um distante <i>snob</i> das Letras”	137
2.3. Conclusão parcial	141
3. O museu-biblioteca: a filantropia na doação e na ação.....	142
3.1. Década de 30 – tempos de formação: alargamento de públicos / aproximação à comunidade.	143
3.2. Décadas de 40/ 50 – tempos de afirmação – “Sobre rodas”: a biblioteca itinerante	158
3.3. Décadas de 60/80 – Tempos de consolidação: a aposta nos mais jovens	178
3.3.1. Os Serviços Educativos.....	178
3.3.2. Biblioteca Infantil e Juvenil.....	184
3.4. Conclusão	191
Capítulo III – A (RE)ORIENTAÇÃO DO OLHAR: SÍNTESE	
CONCLUSIVA E CONSIDERAÇÕES FINAIS	197
50 anos de vida: meio século inspirador	197
Bibliografia.....	211
1. Bibliografia citada	211
2. Bibliografia de referência.....	232
Índice Onomástico	249
Apêndice.....	251

Índice de Ilustrações

1. Quadros

Quadro 1: A missão de um museu local.....	70
Quadro 2: Textos da autoria de João Couto	102
Quadro 3: Textos da autoria de Branquinho da Fonseca.....	104
Quadro 4: Conceito de museu-biblioteca em João Couto e Branquinho da Fonseca.....	107
Quadro 5: Educação moderna e tradicional – João Couto	108
Quadro 6: A escola ativa – João Couto	109
Quadro 7: Articulação ‘escola-museu’ e ‘museu-escola’ – João Couto....	111
Quadro 8: Museus modernos e museus tradicionais segundo João Couto	117
Quadro 9: Museus modernos – João Couto.....	118
Quadro 10: Museus tradicionais – João Couto.....	121
Quadro 11: Educação/cultura moderna e educação/cultura tradicional – Branquinho da Fonseca.....	123
Quadro 12: Conceito de educação/cultura – Branquinho da Fonseca.....	124
Quadro 13: As bibliotecas modernas e das bibliotecas tradicionais segundo Branquinho da Fonseca.....	127
Quadro 14: As bibliotecas modernas – Branquinho da Fonseca	128
Quadro 15: As bibliotecas tradicionais – Branquinho da Fonseca.....	128
Quadro 16: Textos de reflexão sobre o trabalho de João Couto.....	133
Quadro 17: Caracterização dos museus organizados por João Couto	134
Quadro 18: O museu orientado por João Couto	135
Quadro 19: Textos de reflexão sobre o trabalho de Branquinho da Fonseca	137
Quadro 20: O Museu – Biblioteca orientado por Branquinho da Fonseca	138
Quadro 21: Museu – Biblioteca orientado por Branquinho da Fonseca	139
Quadro 22: Número de habitantes, de bibliotecas e de leitores em 1954.....	169
Quadro 23: Um projeto em/com continuidade.....	192
Quadro 24: A relação de interdependência entre o MBCCG, o MNAA e a FCG	193
Quadro 25: A operacionalização da ação educativa no M-BCCG	194
Quadro 26: Síntese dos resultados alcançados com a investigação.....	205

2. Gráficos

Gráfico 1: Número de leitores da biblioteca itinerante – 1953..... 165

3. Figuras

Figura 1: A casa O'Neill em Cascais	91
Figura 2: Assinatura de João Couto – 1947	92
Figura 3: Assinatura de Branquinho da Fonseca – 1951.....	92
Figura 4: João Rodrigues da Silva Couto no M-BCCG – 1930.....	93
Figura 5: Branquinho da Fonseca no parque do Museu-Biblioteca, 1942.....	98
Figura 6: Discurso Sá Oliveira – festa antigos alunos dos Liceus de Lapa e Pedro Nunes 9-5-1937.....	113
Figura 7: O Bibliotecário – 1566. Giuseppe Arcimboldo.....	131
Figura 8: Torreão do M-BCCG – C. Bonvalot, n/d.....	142
Figura 9: ‘Uma hora de música’ – programa 18-9-1938.....	146
Figura 10: ‘Uma hora de música’ – recortes de jornais, 1938	147
Figura 11: Espetáculo de dança rítmica na ‘Fonte’ do parque – 1932....	148
Figura 12: Espetáculo de dança rítmica na ‘Fonte’ do parque – 1932....	148
Figura 13: Cartão de Leitor do M-BCCG – 31-7-1936.....	157
Figura 14: Registo de leitores M-B CCG – 1936.....	157
Figura 15: Registo leitores M-B CCG – 1942.....	158
Figura 16: Biblioteca Móvel junto aos Paços do Concelho – 1953.....	159
Figura 17: A Biblioteca Móvel a caminho duma povoação do concelho – 1953	163
Figura 18: Leitores junto à Biblioteca Móvel – 1953.....	164
Figura 19: A biblioteca itinerante em Caparide – década de 1950	164
Figura 20: Leitores junto à Biblioteca Móvel da Câmara Municipal de Cascais – 1953	166
Figura 21: Carta de Afonso de Pina a Branquinho da Fonseca – 1953	168
Figura 22: Aspecto da sala de leitura do Museu – Biblioteca – 1942	172
Figura 23: Placas da antiga Sala de Arqueologia.....	173
Figura 24: Capa do Boletim nº 1 do Museu-Biblioteca.....	174
Figura 25: Atelier no Museu-Biblioteca.....	179
Figura 26: Atelier no Museu-Biblioteca.....	180
Figura 27: Ateliers no Museu-Biblioteca	180
Figura 28: Exposição do Centro Infantil.....	181
Figura 29: Exposição de arte infantil	181
Figura 30: Atividades do dia Internacional dos Museus – 1979	184
Figura 31: O espaço da Biblioteca Infantil e Juvenil na atualidade	187
Figura 32: A biblioteca itinerante na década de 80	190

4. Tabelas

Tabela 1: Leitores inscritos 1931-1941

156

Abreviaturas Utilizadas

APOM	Associação Portuguesa de Museologia
CECA	Comité Internacional do ICOM para a Educação e Ação Cultural
ICOFOM	Comité de Museologia (do ICOM)
ICOM	Conselho Internacional dos Museus
MINOM	Movimento Internacional para uma Nova Museologia
IGESPAR	Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico
INE	Instituto Nacional de Estatística
IPHAN	Instituto do Património Histórico e Artístico Nacional – Brasil
IPM	Instituto Português de Museus
IPPC	Instituto Português do Património Cultural
M-BCCG	Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães
MNES	Muséologie Nouvelle et Expérimentation Sociales
OAC	Observatório das Atividades Culturais
PALOP	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
ROSM	Regulamento de Organização dos Serviços Municipais
RPM	Rede Portuguesa de Museus
SPA	Sociedade Portuguesa de Autores
ULHT	Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

Agradecimentos

Profissionalismo, estima, respeito, amizade, solidariedade, dedicação são termos que caracterizam, com graus de ocorrência diferente, é certo, todos os que acompanharam este projeto e contribuíram para a sua execução.

Em primeiro lugar, uma palavra de agradecimento para o nosso orientador, Professor Doutor Mário Moutinho que, com espírito crítico aliado à confiança no trabalho, nos incitou permanentemente a prosseguir e a levar a bom termo a investigação.

À Maria Célia que, do outro lado do Atlântico, colocou toda a sua amizade, altruísmo e, igualmente, a sua vasta ciência na área da museologia e, sobretudo, na área da relação entre os museus e a educação ao nosso dispor: guiando, aconselhando, aperfeiçoando, incentivando.

Ao Jorge Ferraz que ajudou a dissipar o nevoeiro que encobria a metodologia da análise de conteúdo

Ao José António Proença, pela amabilidade com que franqueou as portas do museu onde é Conservador, o Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães, facultando-nos a documentação existente para a nossa investigação, contrariando, no seu labor quotidiano, a interrogação que muitas vezes coloca: “será que a soleira da porta ainda escalda?”

Ao Luís Branquinho da Fonseca Soares de Oliveira que, mediante o conhecimento, solidariedade e generosidade, nos ajudou a perceber um pouco mais da faceta humana do ‘educador–altruísta’, epíteto com que caracteriza o seu avô.

Ao Fernando João Moreira que, já depois de defendida a tese, nos apoiou a detetar as gralhas que, apesar das inúmeras revisões, teimavam em persistir.

Aos funcionários do Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães, do Arquivo Histórico Municipal de Cascais, Arquivo do Museu Nacional de Arte Antiga e Hemeroteca Municipal de Lisboa, pelo empenhamento e profissionalismo demonstrado em todo o processo.

Aos funcionários da Biblioteca Municipal de Cascais – Casa da Horta e S. Domingos de Rana, Biblioteca Municipal de Oeiras, Biblioteca da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Biblioteca da Universidade de Coimbra, Biblioteca da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa, Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian, por proporcionarem um ambiente agradável e convidativo que tornou a pesquisa mais prazerosa.

Prefácio

Este livro cumpre, antes de mais, a função de ajudar a compreender os caminhos da Museologia em Portugal durante o século XX. Em particular, a museologia que se viria a revelar como uma herança, senão como uma parte essencial dos ideais da República. Uma República que aspirava por uma cidadania construída sobre as bases da educação que ganhava forma como Instrução Pública. Reconhece-se, hoje, que foi no campo da educação, da cultura, da igualdade e da liberdade que os ideais da República mais profundamente lavraram a sociedade portuguesa. E isso, apesar ou mesmo em contradição, com os encaminhamentos que o poder do Estado viriam a tomar, tanto nos anos turbulentos que se seguiram ao 5 de Outubro, como no atrofamento perverso dos ideais e valores da República durante o chamado Estado Novo.

Foi neste contexto dialético, de novo e de retrocesso, que este livro procurou compreender a vida do Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães. Primeiramente, como único museu do Concelho de Cascais, mas que, num processo idêntico ao do resto do País no pós 25 de Abril, com a “conquista do direito dos museus à diferença”, iria dar espaço à criação de muitos Museus formais e informais por todo o País. Neste caso, contam-se, hoje, também neste concelho, o Museu da Música – Casa Verdades de Faria, Museu do Mar – Rei D. Carlos, Espaço Memória dos Exílios, Moinho de Armação Tipo Americano, Forte S. Jorge dos Oitavos, Farol Museu de Santa Marta e por último e mais recente Casa das Histórias Paula Rego.

Trata-se, neste livro, de contribuir para a compreensão não apenas da história da Museologia em Portugal, mas sobretudo compreender as raízes profundas da museologia portuguesa. E essa compreensão naturalmente que só podia ter por base o esclarecimento dos conceitos e objetivos que, em cada tempo, sustentaram cada projecto. Para tal, a autora soube encontrar os caminhos de uma investigação e de uma escrita sólida, inovadora e rigorosa.

O estudo do Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães revelou-se, para este propósito, como um caso paradigmático não só pelo trabalho realizado em Cascais, como pelos desdobramentos pioneiros que viria a ter relativamente ao Museu Nacional de Arte Antiga e à Fundação Calouste Gulbenkian.

O presente livro põe em evidência, como consequência e fruto deste processo desenvolvido em Cascais, o trabalho de dois personagens incontornáveis da cultura portuguesa: João Couto e Branquinho da Fonseca.

Como a autora refere: *“Foi nosso propósito demonstrar a relevância do contributo de ambos os conservadores para a construção de uma instituição cultural mais*

próxima da comunidade, destacando o pioneirismo das práticas de cariz social, cultural e educativo que, posteriormente, se reflectiu no desenvolvimento do seu trabalho em instituições de maior projecção: Museu Nacional de Arte Antiga e Fundação Calouste Gulbenkian.”

No primeiro caso, pela criação dos Serviços Educativos do Museu e, no segundo caso, pela criação do projecto nacional das “Bibliotecas itinerantes” da Fundação. Para ambos, Museu e Biblioteca, são recursos ao serviço de uma educação ativa, inovadora e moderna que se pretendia integral, visando, na sua essência, a capacitação para o exercício da cidadania. Como dissemos no início deste prefácio, estamos em presença não apenas de um livro que trata a história da museologia em Portugal, mas sim de um livro que revela as raízes daquilo que hoje se reconhece como sendo a Função Social dos Museus.

O Estado Novo, tanto quanto a Contra-Reforma de Bolonha actualmente em curso, cercearam o entendimento que o Museu e a Biblioteca e, naturalmente, a Escola e a Universidade, podiam e podem ter na sociedade portuguesa, porque, na verdade, isso é contrário à ideia de um “País rico de gente pobre e acomodada”. Também é verdade que, hoje em dia, muitas instituições orgulhosamente sós continuam alheias ao tempo em que vivemos.

A UNESCO (*Recommendation concerning the protection and promotion of museums and collections, their diversity and their role in society* nov. 2015) reconheceu, agora de forma esclarecida, o lugar dos Museus na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, reconhecendo a Função Social dos museus como a sua Razão de ser.

Foi possível a João Couto e a Branquinho da Fonseca, mesmo em épocas difíceis, pensar que os museus já eram no seu contexto e na sua forma, mais do que as suas colecções.

Apesar dos tempos que correm serem de empobrecimento das coisas, das ideias e dos valores, espero estar certo, quando pretendo que este livro será inspirador para todos e todas que laboram em contextos agrestes nestas multifacetadas áreas, mas que continuam a acreditar que os Museus, só o são, se tiverem por guia a construção de uma sociedade mais respeitadora da Dignidade Humana.

Mário Moutinho